

**ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS  
E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Sônia Maria Nogueira (PUC-SP, UEMA)  
[nogueirasonia@yahoo.com.br](mailto:nogueirasonia@yahoo.com.br)

PERSPECTIVAS INICIAIS

A reflexão sobre processo de ensino da Língua Portuguesa se faz necessária nos meios acadêmicos. Com esse fim, esse trabalho pretende, embasado em estudos historiográficos, evidenciar as diferentes concepções de gramática e sua estrutura e, a partir delas, identificar as diversas formas de se entender o ensino de Língua Portuguesa, apontando de que maneira as contribuições desses renomados gramáticos perduraram até os dias atuais. O estudo trata, particularmente, do processo de implementação do ensino da Língua Portuguesa no Maranhão do século XIX, e se insere na Linha de Pesquisa *História e Descrição da Língua Portuguesa*.

O *corpus* é constituído por duas fontes documentais primárias, são elas: *Grammatica Elementar da Lingua Portuguesa*, 1850, de Filipe Benício de Oliveira Conduru; e *Grammatica Portuguesa, accomodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica*, 1866, de Francisco Sotero dos Reis. Tais datas são referentes à primeira edição e essas obras marcam um lugar relevante no conjunto da gramaticografia brasileira, no final do século XIX.

O procedimento para a análise do *corpus* foi o do levantamento de quatro categorias, a saber: análise da Introdução e Prolegômenos; dos conceitos de língua, linguagem e gramática; da organização da obra e a quarta, análise da ortografia. Elencamos tais categorias em virtude de tratar-se de um trabalho qualitativo, no qual os aspectos da imanência foram destacados, possibilitando a identificação dos momentos de continuidade e descontinuidade do modelo de gramática greco-latino.

Nosso estudo está baseado nos preceitos da Historiografia Linguística, que tem como principal representante Konrad Koerner (1996). Para tanto, apresentamos os três princípios, o primeiro trata

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

da *contextualização*, abordando o clima de opinião referente ao ensino geral no Brasil, além do ensino no Maranhão, apresentando até mesmo a situação histórica, econômica, política. O segundo princípio, da *imanência*, tenta estabelecer um entendimento global tanto histórico quanto crítico e filológico dos textos em análise. Logo após, tomando como parâmetro a *Moderna Gramática Portuguesa*, cuja primeira edição é de 1961, do gramático fluminense Evanildo Bechara, evidenciamos o princípio da *adequação*, que insere aproximações modernas do vocabulário técnico e de certos aspectos teóricos.

### ***I. Contextualização***

A história da escola no Brasil revela que, no século XIX, de acordo com Bastos (1998, p. 54-55), “o ensino destinava-se, fundamentalmente, às camadas privilegiadas da população, as únicas que tinham acesso assegurado à escolarização”. Em vista disso, as camadas privilegiadas detinham um razoável domínio da chamada ‘norma padrão culta’ ao chegarem às aulas de Português, exigido pela escola. Daí decorre a produção de boas gramáticas, como a de Conduru e a de Sotero dos Reis, para nortearem o ensino de língua materna no país.

No início do século XIX, quase todos os rapazes maranhenses iam estudar nos melhores colégios da França ou da Inglaterra. Tais estudantes pertenciam à minoria branca, basicamente de origem portuguesa, e suas famílias enriqueceram no comércio. Do ponto de vista da educação, alguns fatores devem ser ressaltados. O Liceu Maranhense foi criado com a Lei nº 77, de 24/7/1838 e o primeiro diretor foi o famoso gramático Francisco Sotero dos Reis (MÉRIAN, 1988, p. 15).

Filipe Benício de Oliveira Conduru era considerado, pelo Presidente da Província do Maranhão, um sujeito de reconhecida e indisputável habilidade para aprender o ensino pelo Método de Lancaster, na França, a fim de reger uma Escola Normal – Curso de Aperfeiçoamento para professores de primeiras letras –. Esse Método é adotado no Maranhão em 1839, destinado às escolas primárias (MOACYR, 1939, p. 167).

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

O sistema de ensino mútuo, do célebre Joseph Lancaster, foi introduzido no Brasil em 1827, na época em que o governo brasileiro procurava imitar a Inglaterra, não só porque ela havia contribuído para tornar possível a realização da nossa Independência, mas também porque os ingleses haviam combatido à frente das forças do novo império.

No Maranhão, era defendido o Método de Lancaster como um dos principais recursos para solucionar o problema da falta de difusão do ensino elementar a uma maior clientela de homens livres possível. Esse sistema de instrução primária, do ponto de vista do conteúdo, propunha que o ensino primário fosse dividido em dois graus. O primeiro compreendia a leitura e escrita, noções de aritmética e doutrina cristã. O segundo acrescentava gramática nacional, geografia, história e princípios simples de geometria. Deveriam ainda ser adotados os mesmos compêndios em todas as escolas públicas (CABRAL, 1984, p. 37).

Uma interferência exterior que reanimou a economia do Maranhão, nos anos 60, foi a guerra de secessão nos Estados Unidos, pois provocou a elevação dos preços do algodão exportado por essa província. O Gabinete Português de Leitura foi suprido com novas obras. A partir dessa década, se fez do estudo da língua materna, “não um mero degrau para as outras disciplinas, mas um estudo atuado e profundo d’essa primeira base de uma boa e esmerada educação literária”, no colégio Instituto de Humanidades (LEAL, 1873, p. 159).

O desenvolvimento da instrução pública dependia, em grande parte, de uma questão financeira. Embora se tentasse manter independentes, as províncias tomaram a atitude de recorrer à filantropia dos ricos com o estabelecimento de associações beneficentes, em cujos fins entra a instrução pública. Evidencia-se a criação de bibliotecas e gabinetes de leitura, fato que comprova a tendência da época para o desenvolvimento da instrução (OLIVEIRA, 1874, p. 52-53).

Dentre os intelectuais da época, formou-se o conhecido Grupo Maranhense composto por filólogos e tinha por característica “o acendrado e consciente mimetismo de suas obras com as do período clássico e o coevo lusitano”, afirma Araújo (2003, p. 45).

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Um dos principais representantes é Francisco Sotero dos Reis, o grande teórico do grupo.

Nessa segunda metade do século XIX, aumenta o número de gramáticas da língua portuguesa comprometidas em manter a tradição clássica latina, por isso não refletiam a língua escrita e falada no período, em virtude de serem considerados os modelos clássicos o ideal absoluto (MARTINS, 1988, p. 10).

Filipe Benício de Oliveira Conduru nasceu em 23 de agosto de 1818 e faleceu em 12 de novembro de 1878 em São Bento dos Reis, então Província do Maranhão. Segundo depoimentos em notas biográficas da sua filha, a educadora D. Eponina de Oliveira Conduru Serra, a partir dos dez anos, em São Luís, ele deu continuidade aos seus estudos, pois havia recebido de seu pai as instruções das primeiras letras (ITAPARY, 2004, p. 26).

Subsidiado pela Província, no início de 1839, ele foi estudar Pedagogia em Paris, com previsão de permanecer dois anos. Teve sua volta antecipada em virtude do alto custo, para o governo maranhense, da célebre Revolução da Balaiada, iniciada no final de 1838 e estendendo-se até início de 1841.

No final de 1839, o Palácio do Governo do Maranhão determinou que Conduru passasse a reger a Escola Normal, a fim de que se desempenhassem as instruções dos legisladores provinciais, a bem da Instrução Pública. A Escola Normal foi instalada no Liceu Maranhense no início da década de 40. Conduru ministrava o ensino de Didática, proporcionando aos discentes conhecimentos relativos aos mais modernos métodos pedagógicos da época, uma vez que a classe era formada pelos mestres das escolas primárias da Província.

Conduru, para se auxiliar no seu ministério pedagógico e para tornar as suas lições mais eficazes, redigiu e publicou ótimos manuais escolares, além da *Grammatica Elementar da Lingua Potugueza*. Compôs e publicou um pequeno compêndio de Geografia e escreveu um *Primeiro Livro de Leitura* nos moldes dos que vira usados em França, mas não podendo fazer imprimi-lo, só o aproveitou em manuscrito.

Manifestação evidente de quanto o Governo da Província preferia a *Grammatica* de Conduru, como livro de aula, foi a distribui-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

ção gratuita dos seus exemplares aos escolares da década de 60. Essa obra foi aprovada pelo Inspetor da instrução pública para uso das Escolas de primeiras letras da província do Maranhão, assim como pelo Conselho de instrução pública para uso do Liceu, colégios e aulas de instrução primária na província do Pará.

Francisco Sotero dos Reis, também maranhense, nasceu em 1800 e faleceu em 1871. Autodidata, não frequentou colégio, a não ser o de primeiras letras. Ele pretendia frequentar uma das faculdades de medicina, na França, assim que completasse os estudos preparatórios, todavia foi impedido em virtude do falecimento de seu pai. Nessa época, o gramático ministrava aulas particulares de latim e francês em sua própria residência. Leal (*op. cit.*, p. 127) ressalta que Sotero dos Reis “foi mestre de si mesmo, estudou e acrescentou-se em saber, guiado unicamente por sua clara e robusta inteligência: nunca frequentou cursos superiores, [...]”.

Com 21 anos, Sotero dos Reis já lecionava gramática latina, no *Collegio D'instrucção*, e dois anos depois foi aprovado em concurso público, assumindo a cadeira de Latim, tornando-se o primeiro professor público do Maranhão após a Independência. Desde o início do seu magistério, Sotero dos Reis exerceu as tarefas de jornalista em periódicos políticos. Ele produziu outras obras, além da gramática, tais como, *Postillas de Grammatica Geral, applicada á Lingua Portugueza pela analyse dos clássicos*, 1862; *Comentário de Caio Júlio César, traduzidos em português*, de 1863-69, com 6 fascículos; *Curso de literatura portuguesa e brasileira*, de 1866-73, com 5 volumes, entre outros.

Nas aulas de latim, Sotero dos Reis juntava à explicação das regras da gramática latina aquilo em que as da gramática portuguesa divergiam. O mestre percebeu que faltava uma gramática, principalmente na parte da sintaxe, no que dizia respeito à análise e construção. A elaboração dessa obra adveio do exercício do magistério, com o propósito de uma concepção de ensino de língua simples, apenas com regras necessárias e definições de fácil entendimento.

As obras de Sotero dos Reis são destinadas especificamente ao público discente e escritas como se fosse um diálogo com os seus alunos. O autor é considerado um dos célebres gramáticos maranhenses que, na redação de periódicos e gramáticas, solidificou o

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

conceito de filólogo profundo, gramático abalizado, exímio conhecedor da língua e familiar dos clássicos. Os filhos de Francisco Sotero Reis revelam que a gramática foi considerada “por todos como perfeição do estilo, na perspicuidade e precisão das definições e regras doutrinárias, por isso, acha-se ela com justiça adotada nas aulas públicas das principais províncias do Império” (p. I).

As obras desses autores não se limitam às décadas de 1850 e 1866, porém atravessam o século XIX e ainda ecoam no início do século XX. Os autores das gramáticas pesquisadas nesse trabalho obtiveram grande repercussão, não só na província do Maranhão. Ao tentarmos reconstruir o clima de opinião, pudemos perceber que essas obras possuem evidente relação com o espírito de época, no sentido de continuidade da tradição greco-latina.

### **2. Imanência**

Nesse artigo, o volume analisado da *Grammatica Elementar da Lingua Portuguesa*, de Filipe Benício de Oliveira Conduru, pertence à XIII edição, de 1888, e a *Grammatica Portuguesa, accomodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica*, de Francisco Sotero dos Reis; pertence à 2ª edição, de 1871.

A primeira obra a ser analisada é a de Conduru, uma vez que a escassez de material a respeito desse autor é muito grande. Maior ainda é a ausência de textos sobre a *Grammatica Elementar da Lingua Portuguesa*. Além de constituir-se um grande desafio para o historiógrafo, também se transforma numa boa oportunidade de aplicar o princípio da Imanência, dado que a referida gramática pode ser encontrada – ainda que com dificuldade – e analisada hoje, mais de 150 anos depois de sua publicação. O historiógrafo, de acordo com Bastos (2002, p. 35), deve ter como objetivo “descrever e explicar como se adquiriu, produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto, tendo, para isso, conhecimento amplo dos diversos campos científicos [...]”.

A obra de Conduru trata-se do segundo compêndio da língua materna escrito no Maranhão. O autor deixa sua preocupação com o ensino da língua transparecer na obra em alguns momentos. Na In-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

trodução ele afirma que seu “fim é dar preceitos e regras para fallar, escrever e ler com acerto” (p. 3). Outro autor, da mesma época de Conduru, também apresenta a mesma conceituação. Jerônimo Soares Barbosa (1875) declara que a gramática “pois, que não é outra coisa, segundo temos visto, senão a arte que ensina a pronunciar, escrever e fallar correctamente qualquer lingua [...]” (p. X).

A *Grammatica Elementar* faz parte de uma tradição que valoriza a lógica e, portanto, a razão sobre o uso ao considerar a gramática uma maneira de ensinar a falar e a escrever corretamente.

Na Introdução, foram privilegiados, de forma sucinta, apenas os conceitos a serem trabalhados no corpo da obra, a saber: *fallar, escrever, ler, letra, syllabas, palavra, nome, monossyllabo, palavra primitiva, palavra simples, palavras na accepção natural, palavras na accepção figurada, oração ou frase e período* (p. 3).

Conduru almeja que sua gramática seja um modo de expressão correta e, por isso, situa-se na mesma corrente que atravessa os séculos até os nossos dias, dado o caráter ainda normativo do ensino de língua materna no Brasil. Da metade do século XVI à metade do século XIX prevalece a visão da gramática como *arte*.

O autor destaca o fato de que sua gramática não se limita aos fatos relativos à língua escrita, mas expande-se para a linguagem articulada, abrangendo tanto a expressão por “viva voz” – oral – ou por “caracteres” – escrita. É dessa maneira que Conduru, em um dos conceitos basilares, a define no início da Introdução, chamando a atenção para o aspecto prescritivo, comum às gramáticas de sua época, pois gramática “é a arte (\*) que trata da linguagem articulada, quer esta se exprima de viva voz, quer por caracteres que a representem” (p. 3).

É possível notar também que, para Conduru, há uma gramática geral, comum a todos os homens, e outra que é particular, própria de cada povo, de cada nação. O autor está voltado para o estudo e ensino da língua particular, pois busca uma melhor adaptação dos estudos gramaticais a sua própria língua, tendo a preocupação de ser o mais claro possível para aqueles que serão os usuários de sua gramática. Conduru conceitua a gramática portuguesa como “a arte que ensina a fallar, escrever e ler com acerto a lingua portugueza” (p. 5). O

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

autor deixa muito claro que sua gramática – como acredita que deve ser – presta-se ao ensino do falar, ler e escrever *corretamente*.

Do ponto de vista de seu estilo composicional, a *Grammatica Elementar* de Conduru é continuadora do modelo latino, na medida em que está dividida em quatro partes, a saber: etimologia, prosódia, ortografia e sintaxe.

A ortografia do português, no século XIX, não tinha sido fixada, foi só na primeira metade do século XX que se instituíram normas ortográficas, primeiro em Portugal e depois no Brasil. Apesar da inexistência de um sistema estabelecido, predominava a tendência para a grafia mista, tanto nas publicações oficiais e na imprensa, quanto nas páginas dos compêndios e obras literárias em geral, denominada por muitos como usual, e de fato era pseudoetimológica.

A ortografia na *Grammatica Elementar da Lingua Portuguesa* de Conduru é influenciada no sistema misto ou usual com predominância da vertente etimológica. O autor dedica onze páginas de sua gramática ao estudo da ortografia, essa parte está subdividida em *Vogais, Consoantes, Letras dobradas, Letras maiúsculas, Hifen, Apóstrofo e Pontuação*. O autor inicia sua exposição sobre a ortografia, apresentando o seguinte conceito: “Ortographia é a parte da Grammatica que ensina a escrever correctamente as palavras, e também a empregar convenientemente os sinais de pontuação” (p. 75).

Logo a seguir, Conduru esclarece que segue o sistema de ortografia etimológico, tendo em vista ser esse o mais seguido e, além disso, não tratará de tudo o que diz respeito a essa área. O autor enfatiza, ainda, que apenas com a prática de escrever e recorrer aos bons dicionários é que se terá sucesso na aprendizagem, por isso trata apenas de algumas “regras que possam evitar os erros mais grosseiros” (p. 76).

A segunda obra a ser analisada é a de Sotero dos Reis trata-se da segunda edição da *Grammatica Portuguesa*, publicada postumamente, por seus filhos. Os revisores inserem no início da obra uma carta ao público com as devidas justificativas para a publicação, uma delas é a grande procura pela gramática em virtude de ser adotada em várias escolas públicas, pois a primeira edição já tinha se esgotado. Em razão da procura pela *Grammatica Portuguesa*, os filhos de

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Sotero dos Reis julgaram conveniente oferecer mais uma edição ao público e, também uma terceira edição se fez necessária. Assim, ao editarem a obra, eles sentem que estão cumprindo um dever para com o autor.

Nessa edição, além da carta ao público, foram inseridos os *Prolegomenos* do autor que iniciavam a primeira edição. Neles, Sotero dos Reis expõe sua preocupação com o magistério, visto que expõe o método utilizado: “Procurei simplifical-a o mais possível na theoria, subordinando os usos especiaes da lingua só aos principios geraes da eterna verdade, [...]”, e acrescenta: “porque o methodo e aclareza nao teem maior inimigo do que a multiplicidade das regras, que só serve de embaraçar o alumno sem explicar-lhe cousa alguma” (p. VII).

O autor explica a importância do entrelaçamento teoria e prática para a qualidade do ensino: “Acompanhei a theoria da pratica, dando logo immediata applicação aos principios invocados com exemplos que os comprovassem, porque assim se arraigão elles melhor no espirito, que não pode duvidar de sua solidez” (p. VII).

Sotero dos Reis inicia os *Prolegomenos* conceituando gramática, uma vez que identifica sua divisão em geral e particular. A gramática geral é comum a todos os homens e a particular é própria de cada povo, da mesma forma que pensavam os gramáticos de Port-Royal do século XVIII (p. V). A Língua Portuguesa, como língua particular, é privilegiada no trabalho de Sotero dos Reis que a define como “a arte de aplicar aos principios immutaveis e geraes da palavra os usos e idiotismos da lingua portugueza” (p. VII).

A *Grammatica Portugueza* não possui notas de rodapé, porém Sotero dos Reis utiliza *Nota Bene* – N.B. –, expressão latina que significa “observa bem”, frase com que se chama a atenção para o trecho que segue. Esse recurso foi usado por volta de oitenta vezes, a primeira N.B. está inserida nos *Prolegomenos* para explicitar a influência dos gramáticos de Port-Royal, Arnaud e Lancelot (1992). Sotero dos Reis afirma: “N.B. A Grammatica de Port-Royal, generalizando, define a Grammatica: “Arte de fallar”. Esta é a definição da Grammatica mais concisa que conhecemos, porque, Fallar, abrange tudo o mais” (p. VII-VIII).

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Logo a seguir, o autor trata da linguagem, alertando que privilegia nesse estudo a linguagem dos sons articulados. Sotero dos Reis diz: “D’ahi a divisão da linguagem em linguagem de sons articulados, a que consta de palavra, e a linguagem de acção, a que consta de gestos. Escusado é dizer que a linguagem dos sons articulados é a única que nos occupa neste tratado” (p. IX).

Essa gramática segue o modelo latino, na medida em que está dividida em quatro partes, a saber: etimologia, prosódia, ortografia e sintaxe. Sotero dos Reis esclarece que privilegiou o estudo da Etimologia e da Sintaxe, em detrimento da Ortografia e Prosódia, por constituírem a base da ciência gramatical, além de ser consenso entre os gramáticos (p. VIII). Uma evidente aproximação da obra de Sotero dos Reis com a gramática de Barbosa (op.cit.) consiste no estudo da etimologia.

Sotero dos Reis limita a boa pronúncia da língua aos professores e às pessoas instruídas e, assim, orienta os alunos a seguirem o exemplo dessas pessoas e buscarem auxílio nas regras, a fim de adquirirem a boa pronúncia (p. 289).

A ortografia na *Grammatica Portugueza* é influenciada no sistema misto ou usual com predominância da vertente etimológica. Sotero dos Reis, assim como Conduru, adverte que a consulta de dicionários é a melhor maneira de se aprender a ortografia e acrescenta, ainda, que o hábito da leitura dos bons autores contemporâneos também muito contribui nessa aprendizagem (p. 275).

O autor se alia aos bons autores, ao adotar o sistema da ortografia mista, que transita entre o sistema segundo a pronúncia e o sistema puramente etimológico. Assim, o sistema da ortografia mista “melhor se accomoda ás modificações, por que vai passando a língua de tempos a tempos” (p. 276).

A concepção de ortografia apresentada por Sotero dos Reis é semelhante a de Conduru, porém notamos uma preocupação maior quanto à relevância da escolha do sistema misto, visto que Sotero dos Reis justifica-a mais de uma vez. Ele afirma que ortografia “é uma palavra de origem grega, que sôa tanto como escriptura correcta ou exacta; e d’ahi o seu objeto, que vem a ser a correccção da escripta” (p. 276).

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

Sotero dos Reis destina doze páginas à Ortografia com as seguintes subdivisões: 1º *os caracteres alphabeticos, ou letras, com que se escrevem as palavras*. 2º, *os signaes orthographicos, ou de pontuação, que marcão as pausas do discurso, e as inflexões da voz em cada uma* (p. 277).

O autor critica os sistemas ortográficos, que não dão conta da variação da pronúncia. Sotero dos Reis afirma:

Os systemas exclusivos de orthographia somente segundo a pronúncia, ou de orthographia puramente etymologica, são irrealisaveis; o primeiro, porque a pronúncia varia, para bem dizer, em cada provincia, e em cada século [...]

E acrescenta: “o segundo, porque seria mister escrever as palavras como se achão na lingua d’onde são derivadas, ao que se opõe a forma e a pronúncia dos termos variados” (p. 275).

Logo a seguir, o autor trata dos sinais ortográficos, ou de pontuação, uma vez que os considera indispensáveis para que a o estudo da ortografia alcance o seu objetivo que é a escrita correta. Assim, Sotero dos Reis encerra o capítulo da Ortografia.

Assim sendo, após privilegiarmos os princípios de *contextualização* e de *imanência*, focalizaremos o princípio de *adequação*, entre as gramáticas de Conduru e Sotero dos Reis, ambas da segunda metade do século XIX, e a gramática de Bechara, da segunda metade do século XX.

### **3. Adequação**

Iniciamos a adequação, retomando alguns termos técnicos e teóricos presentes em Conduru e Sotero dos Reis e trazendo-os para os tempos modernos, tomando como parâmetro a *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª edição, de 2004, de Evanildo Bechara.

Como vimos, desde a época do Renascimento, a proliferação de gramáticas de línguas vernáculas fazia com que elas assumissem um aspecto de simplicidade e clareza tanto para o mestre quanto para o estudante. Essa preocupação fica claramente exposta na *Grammatica Elementar*, de Conduru, assim como na *Grammatica Portuguesa*, de Sotero dos Reis. Bechara, gramático fluminense, também a-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

apresenta esse propósito na Introdução de sua obra, tanto na primeira edição – ao ressaltar que seu intuito era “levar ao magistério brasileiro, num compêndio escolar escrito em estilo simples, o resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país – quanto na 37ª edição, ao reiterá-lo” (p. 21).

Bechara esclarece, todavia, que a 37ª edição configura-se “como um novo livro elaborado a partir de pesquisa a teóricos da linguagem, da produção acadêmica universitária”, além das críticas e sugestões de companheiros da mesma área (p. 19-20).

De fato, a 37ª edição da *Moderna Gramática Portuguesa* é notadamente banhada de farta teoria linguística que dá suporte aos principais conceitos tratados e que permite a profundidade na sua abordagem. A linguagem é definida como um “sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência” (p. 28).

Se se pode aproximar Conduru, Sotero dos Reis e Bechara no que toca à função da linguagem como uma forma de expressar o pensamento – ou conteúdos da consciência –, pode-se afastá-los no que tange à noção de sistema e à de intercomunicação social. É evidente que, para os gramáticos maranhenses, a noção de sistema ainda não era solidificada – o que só veio a ser no início do século XX, a partir do paradigma estruturalista.

Para o gramático fluminense, a língua é definida como a parte da historicidade da linguagem, como “um sistema de isoglossas comprovado numa comunidade linguística” (p. 31). Suas concepções seguem não só aquilo que propugna o pós-estruturalista Eugênio Coseriu, mas também correntes modernas da Análise do Discurso, da Linguística Textual e da Sociolinguística, quando admite, por exemplo, a distinção texto/discurso, a questão das competências linguísticas e a das variações linguísticas diatópicas, diastráticas e diacrônicas.

Ainda que de maneira abreviada, é possível perceber em Conduru e Sotero dos Reis a admissão da ideia de uma gramática geral e de gramática particular. Já em Bechara, essas noções vêm esmi-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

uçadas. Em vez de generalizar, como fazem os autores maranhenses, Bechara toma a língua tanto em relação ao indivíduo como em relação à comunidade linguística, ao estado, ao país, à internacionalidade.

Por considerar a língua relacionada ao indivíduo, é que o autor fluminense vai tratar da noção de competência, que se apoia na de saberes: saber elocutivo → competência linguística geral; saber idiomático → competência linguística particular; saber expressivo → competência linguística textual. Não há como negar que essa visão ampla da língua em relação ao falante, e vice-versa, representa um grande avanço no que diz respeito à concepção que havia no século XIX.

Avança-se muito em relação ao conceito de correção que se sustentou durante muito e que ainda encontra resquícios em práticas escolares atuais. A correção deixa de ser apenas relativa a um modelo de uso linguístico imposto e passa a considerar outros aspectos tanto cognitivos quanto sociais.

Assim, extrapolando os conceitos de certo/errado, Bechara afirma que o uso linguístico, do ponto de vista do tema, pode ser adequado ou inadequado; do ponto de vista do destinatário, pode ser apropriado ou inapropriado; e, do ponto de vista da situação, pode ser oportuno ou inoportuno.

Para Bechara a gramática é apenas a descrição de *uma* das línguas funcionais. Daí sua célebre afirmação, quanto à educação linguística, de que o falante deve ser poliglota em sua própria língua, isto é, tem de ser competente nos diversos modos de funcionamento da língua, determinados por fatores sociais diferentes.

Como Conduru e Sotero dos Reis, cujas gramáticas parecem pretender defender uma língua exemplar, Bechara também posiciona sua gramática como *normativa*, isto é, que tem finalidade pedagógica e que elenca “os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social” (p. 52). É importante ressaltar, no entanto, a lucidez dessa última ressalva (... *em circunstâncias especiais do convívio social*) resume consciência límpida de que o uso exemplar da língua é

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

um dentre outros a disposição do falante, que deverá ter a competência de se valer dele quando uma determinada situação social o exigir.

Do ponto de vista de seu estilo composicional, a *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara é representante de uma descontinuidade do modelo latino. Com relação às obras de Conduru e Sotero dos Reis, que privilegiam a gramática da palavra, de acordo com o espírito de época, a obra de Bechara evidencia a estrutura do enunciado – da sintaxe.

Bechara admite a dificuldade para se chegar a uma ortografia ideal, a exemplo de “línguas modernas que adotaram um sistema gráfico com o aproveitamento do alfabeto latino” (p. 53).

O autor, por sua vez, ao tratar da ortografia apresenta as *Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional*, conforme aprovadas pela Academia Brasileira de Letras. Essa parte está subdividida em *Alfabeto; K, W, Y; H; Consoantes mudas; SC, Letras dobradas; Vogais nasais; Ditongos; Hiatos; Parônimos e vocábulos de grafia dupla; Nomes próprios; Acentuação gráfica; Apóstrofo; Hifen; Divisão silábica; Maiúsculas e Pontuação*. Bechara esclarece que há dificuldades para se chegar a um sistema ideal, tendo em vista que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico.

Sem dúvida alguma, assim como as outras aqui trabalhadas, essa noção de uso linguístico, flexível e adaptável ao destinatário, ao tema e à situação, representa um significativo passo à frente na direção não só de um melhor entendimento da língua portuguesa, mas também de um ensino mais equilibrado e eficiente. Do mesmo modo que a gramática de Conduru e de Sotero dos Reis atravessaram décadas a serviço da língua, a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evânildo Bechara certamente será um marco também para as gerações futuras.

#### **4. Perspectivas finais**

As questões referentes ao processo de implementação do ensino da Língua Portuguesa no Maranhão, especificamente no século XIX, merecem especial destaque, pois é nessa época que inicia a

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

produção de gramáticas maranhenses da Língua Portuguesa. A gramaticografia, nesse período, é marcada por obras que optam pela continuidade do modelo latino, algumas ensaiando inovações junto com a tradição, além de outras que iniciam um movimento de descontinuidade.

A *Grammatica Elementar da Lingua Portuguesa*, de Conduru, assim como a *Grammatica Portuguesa. Accomodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica*, de Sotero dos Reis, são excelentes materiais para o estudo e para o ensino da língua no Maranhão, não apenas no tempo em que foram publicadas, mas ao longo de todo o século XIX e início do XX. Isso se deve às qualidades intrínsecas das obras, bem como à postura dos autores, que procuraram caminhar entre a tradição e a inovação.

O método é, de certa forma, uma continuidade da tradição greco-latina, sobretudo na divisão que Conduru e Sotero dos Reis fazem da gramática e em algumas posições tomadas. A exposição, como procuramos ressaltar, em muitos casos, assemelha-se a dos gramáticos de Port-Royal e a de Jerônimo Barbosa.

Sobressai no texto de Conduru o fato de sua preocupação superar o aspecto meramente prescritivo das – raras – gramáticas que haviam sido escritas em Língua Portuguesa até aquele momento. Por várias vezes o autor apresenta uma regra cristalizada para, logo após, afirmar que o uso da língua tem preferido essa ou aquela construção, essa ou aquela pronúncia.

Também é inovador o fato de sua visão ser direcionada aos aspectos orais da língua. Isso se vê desde o início da obra, em que o autor define *gramática* e *falla*. Em relação à primeira, refere-se ao fato de que ela trata da linguagem articulada, quer seja falada, quer seja escrita. Já em relação à segunda, destaca o fato de ela ser a expressão das ideias por meio de sons articulados. A *Grammatica Elementar* tem seu valor educativo ressaltado em função da expressa preocupação de seu autor em relação ao ensino da Língua Portuguesa, especificamente.

A preocupação com as informações que apresenta, bem como com os aspectos descritivos de “uso vivo da língua” – como ele mesmo escreve – mostra Conduru como um autor inserido em seu

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

tempo e capaz de vislumbrar aspectos do tratamento gramatical que viriam a ser desenvolvidos futuramente.

Sotero dos Reis expressa sua preocupação com o ensino da Língua Portuguesa, especificamente, não só na parte destinada à Pro-sódia, quando se refere à pronúncia do português – uma vez que esta se apresenta mais rápida em relação ao grego e ao latim –, mas também na seleção dos exemplos e providenciais inserções de N.B. com esclarecimentos relevantes.

Outro ponto que foi identificado, que valoriza a Grammatica Portuguesa, é o posicionamento explícito de Sotero dos Reis diante do ensino tradicional, ora compactuando com ele, ora divergindo dele. Convém ressaltarmos que no texto de Sotero dos Reis predomina a natureza prática, tendo em vista a preocupação do autor em acompanhar a teoria com a sua imediata aplicação por meio de exemplos comprobatórios, para que o aluno não duvidasse da teoria.

A gramática de Sotero dos Reis apontou caminhos que ainda são válidos hoje, uma vez que a renovação do ensino da língua materna, o português, está intimamente ligado a um leque de fatores políticos, econômicos, sociais, psicológicos, linguísticos, metodológicos e pedagógicos, todos de relevância e interação, pois o fator linguístico deve ter de se aliar às variáveis sociais e pedagógicas.

Em vista do que foi exposto, uma abordagem historiográfica da Língua Portuguesa tem relevância primordial nesse estudo, uma vez que a pesquisa trata de dois expoentes representantes da gramatocografia no Maranhão, abrangendo o contexto histórico e documental do século XIX. Nesse sentido, o presente trabalho poderá contribuir para o desvelamento de questões concernentes à política linguística, além de suscitar outras reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa no Maranhão.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. M. de. *A herança de João de Barros e outros estudos*. São Luís: AML, 2003.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

ARNAUD e LANCELOT. *Gramática de Port-Royal*. Tradução de Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, J. S. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios de Grammatica Geral Aplicados à nossa Lingoagem*. 6ª ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1875.

BASTOS, N. M. O. B. (org.). *Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino*. São Paulo: EDUC, 1998.

BASTOS, N. M. O. B. *et al.* Língua portuguesa através dos séculos (XVI ao XX): em busca do método historiográfico. Araraquara: *Anais II EDIP*, 2002.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 14ª reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CABRAL, M.S.C. *Política e educação no Maranhão*. São Luís: SI- OGE, 1984.

CONDURU, F. B. de O. *Grammatica elementar da lingua portugueza*. 13. ed. São Luís: MA, 1988.

ITAPARY, J. e MELO, Á. (org.). *Pai e mestre*. Dom Felipe Conduru. São Luís: SECMA, 2004.

KOERNER, E. F. K. Questões que persistem em Historiografia Linguística. Trad. de Cristina Altman [orig. inglês "Persistent Issues in Linguistic Historiography." *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995]. *ANPOLL. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística* 2. p. 45-70, 1996.

LEAL, A. H. *Pantheon maranhense*. Ensaios biographicos dos maranhenses illustres ja falecidos, 1873.

MARTINS, N.S. *História da língua portuguesa: século XIX*. São Paulo: Ática, 1988.

MÉRIAN, J. Y. *Aluísio Azevedo. Vida e obra (1857-1913): o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

MOACYR, P. *A instrução e as províncias: subsídios para a história da educação no Brasil: 1834-1889, 1º vol.* Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional, 1939.

OLIVEIRA, A. de A. *O ensino público.* Obra destinada a mostrar o estado em que se acha e as reformas que exige a instrução pública no Brasil. Maranhão, 1874.

REIS, F. S. dos. *Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica.* 2. ed. São Luís: Livraria de Magalhães & Cia., 1871.